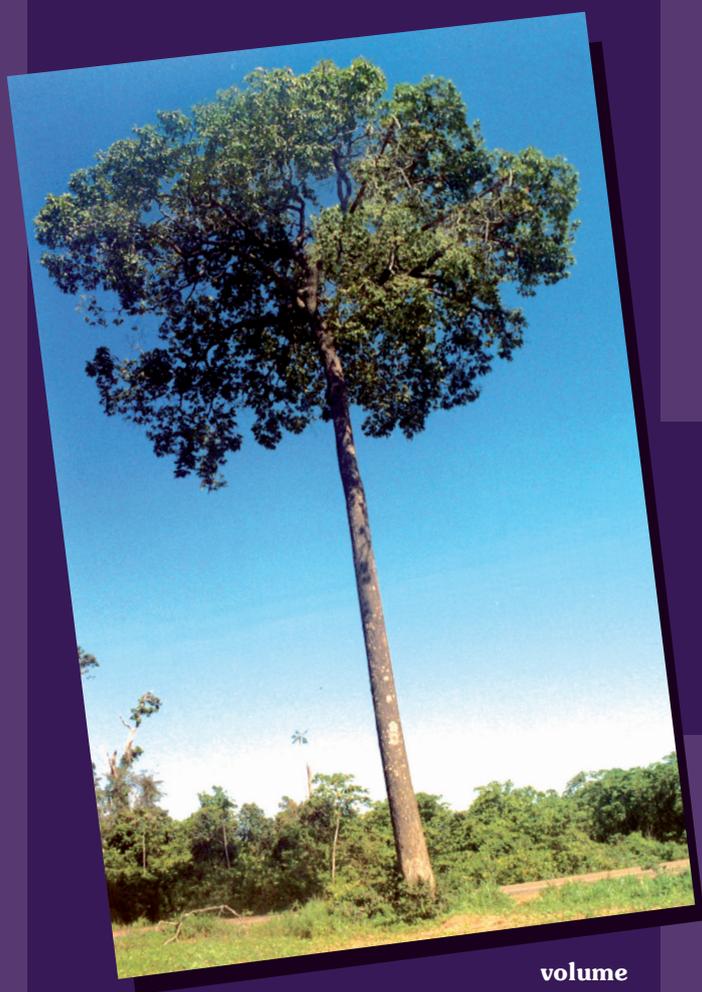


Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Catingueira

Poincianella pyramidalis

volume

5

Catingueira

Poincianella pyramidalis

Foto: Francisco C. Martins



Foto: Francisco C. Martins



Município de Cairé, CE

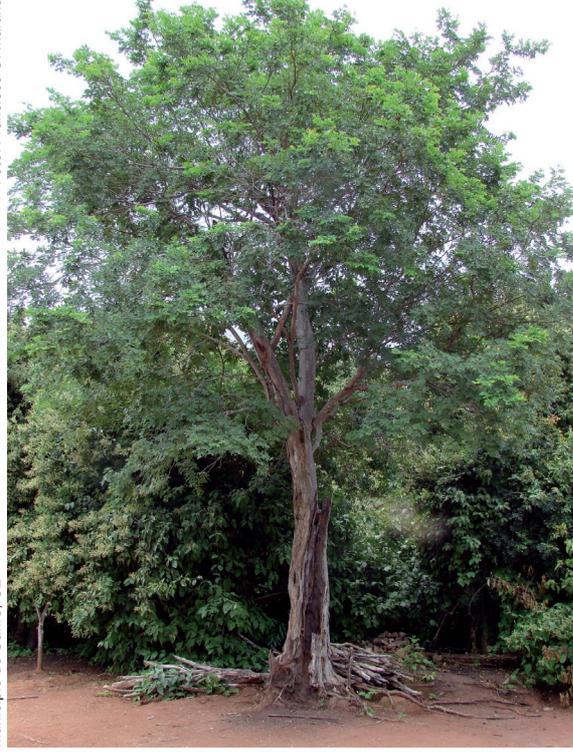


Foto: Francisco C. Martins



Foto: Francisco C. Martins



Foto: Francisco C. Martins



Município de Mucaeiro, CE

Foto: Francisco C. Martins

Catingueira

Poincianella pyramidalis

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group* (APG) III (2009), a posição taxonômica de *Poincianella pyramidalis* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Eurosídeas I

Ordem: Fabales – Em Cronquist (1981), é classificada em Rosales

Família: Fabaceae – Em Cronquist (1981), é classificada em Leguminosae

Subfamília: Caesalpinioideae

Gênero: *Poincianella*

Tribo: Caesalpinieae

Binômio específico: *Poincianella pyramidalis* (Tul.) L. P. Queiroz

Primeira publicação: in Queiroz, *Leguminosae da Caatinga*, 2009.

Sinonímia botânica: *Caesalpinia pyramidalis* Tul.

Nomes vulgares por Unidades da

Federação: na Bahia, canela-de-velho, catinga-de-porco, catingueira, catingueira-de-mulata, catingueira-grande, catingueira-verdadeira, catingueiro-das-folhas-largas, faveleira, mussitaíba, pão-de-rato e pau-de-rato; no Ceará, catinga-de-porco e catingueira; em Alagoas, em Minas Gerais, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, catingueira; na Paraíba e em Sergipe, caatingueira e catingueira; e no Piauí, canela-de-velho, catingueira-verdadeira e pau-de-rato.

Etimologia: o nome genérico *Poincianella* e o epíteto específico *pyramidalis* são de origem desconhecida. O nome vulgar catingueira vem do cheiro desagradável de suas folhas verdes (MAIA, 2004).

Descrição Botânica

Forma biológica e foliação: *Poincianella pyramidalis* é uma espécie arbustiva a arbórea,

de padrão foliar decíduo (apresentando queda total das folhas no inverno). A catingueira é uma das primeiras árvores a rebrotar, na Caatinga, com o início das chuvas (PEREIRA et al., 1989).

Na estação chuvosa, as árvores maiores dessa espécie atingem dimensões próximas a 12 m de altura e 50 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta, enquanto na estação seca ela se apresenta como arbusto de menos de 2 m e poucos centímetros de diâmetro na base (ANDRADE-LIMA, 1989).

Tronco: *Poincianella pyramidalis* apresenta tronco ramificado. Quanto ao fuste, é curto ou inexistente.

Ramificação: é racemosa. A copa é aberta, arredondada, baixa e irregular, com os ramos verdes, com abundantes lenticelas esbranquiçadas.

Casca: mede até 10 mm de espessura. A casca externa (ritidoma) das árvores adultas é lisa, cinza-claro, às vezes levemente castanha, largando a camada superficial em lâminas um pouco alongadas, de bordo irregular, dando à casca um aspecto de camuflagem, com manchas amarelas, verdes e brancas.

Folhas: são bipinadas, com 5 a 11 folíolos alternos, sésseis, obtusos, oblongos, coriáceos, bordo inteiro, levemente ondulado, medindo de 1 cm a 3 cm nas folhas de ramos adultos e com menos de 1 cm em folhas de rebrotos. As folhas novas têm coloração rosada. Só depois de se tornarem verdes, elas apresentam um cheiro desagradável, típico.

Inflorescências: ocorrem em panículas curtas, terminal ou axilar-terminal.

Flores: emitem leve odor adocicado, com pelos estrelados, escuros, medindo, em média, de 18 mm a 25 mm de diâmetro. O cálice é amarelo, com leve pilosidade castanha, o que lhe dá uma tonalidade castanho-esverdeada. As pétalas são amarelas e uma pétala central apresenta pontuações avermelhadas que representam guias de néctar (MAIA-SILVA et al. 2012).

Segundo a crença popular, quando a catingueira floresce mais cedo, é sinal de que a inverno vai ser boa, no sertão. Suas flores são o prenúncio de comida na panela do sertanejo, de gado gordo no pasto e de muita fartura. Por isso, essa espécie é cantada em prosa e verso, inclusive pelo cantor e poeta Dominginhos², na composição *Catingueira Fulorou*:

“Catingueira fulorou, macambira se abriu
As donzelas se animaram e a estrada se floriu
Floresceu todo o sertão, a alegria então voltou
Velho, mulher e menino, todo povo se alegrou...”

Fruto: é um legume (vagem) oblongo-elítico, assimétrico, acuminado, medindo de 8 cm a 12 cm de comprimento por 2 cm a 2,5 cm de largura, castanho-claro, com pilosidade mínima, alva e esparsos tricomas glandulosos e amarelos. O legume apresenta cerca de 5 a 6 rudimentos seminais por ovário, dos quais alguns abortam. Frequentemente, as valvas permanecem secas e presas ao ramo, totalmente encartuchadas por torção helicoidal.

Sementes: são achatadas, ovaladas, castanho-claras e lustrosas.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Poincianella pyramidalis* é uma espécie hermafrodita.

Vetor de polinização: os polinizadores principais são *Apis mellifera* (MARTINS, 1990; CARVALHO; MARCHINI, 1999), abelhas-mamangavas (*Xylocoppa* spp.) e abelhas do gênero *Centris*, (FREITAS; OLIVEIRA FILHO, 2001).

Outros visitantes florais também coletam néctar das flores de catingueira como, por exemplo, borboletas, beija-flores e abelhas sem ferrão, dos gêneros *Trigona*, *Frieseomelitta* e *Melipona* (MAIA-SILVA et al., 2012).

Muitas espécies de abelhas sociais e de abelhas solitárias usam os troncos de *P. pyramidalis* para tecer seus ninhos.

Floração: em outubro, no Piauí (RIZZINI, 1976), e de novembro a abril, na Bahia (RIZZINI, 1976; CARVALHO; MARCHINI, 1999).

Em Pentecostes, CE, de 1986 a 1988, nenhuma das árvores amostradas alcançou a fase de floração (PEREIRA et al., 1989), e em Serra Talhada, PE, de 1991 a 1992, as árvores amostradas produziram flores ou frutos só uma vez (MACHADO et al., 1997).

Frutificação: os frutos amadurecem de julho a setembro, no Ceará (LORENZI, 2009) e a frutificação é abundante.

Dispersão de frutos e sementes: dá-se por autocoria (MACHADO et al., 1997). A deiscência é violenta, atirando as sementes à distância.

² Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/dominginhos/catingueira-fulorou.html#ixzz1s31nVfyA>> Acesso em: 28 ago. 2012.

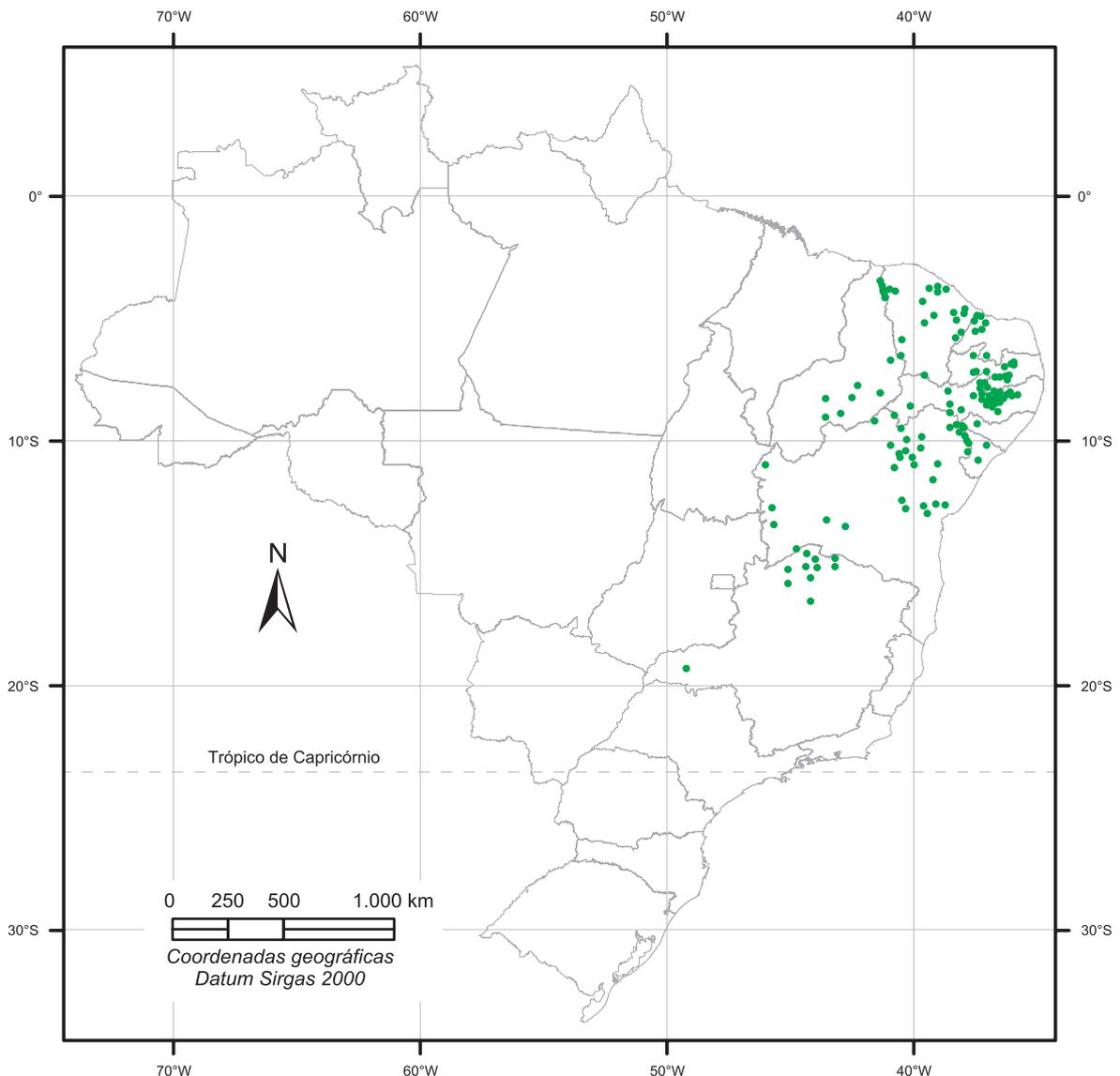
Ocorrência Natural

Latitudes: de 3°S, no Ceará a 16°45'S, em Minas Gerais.

Variação altitudinal: desde o nível do mar, até 700 m, em Pernambuco.

Distribuição geográfica: no Brasil, *Poincianella pyramidalis* ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 25).

- Alagoas (GAMA, 1992; SILVA, 2002; LEAL et al., 2003; SOUZA et al., 2003; QUEIROZ, 2009).
- Bahia (MATTOS FILHO; RIZZINI, 1968; MELLO, 1968/1969; MELLO, 1973; RIZZINI, 1976; LEWIS, 1987; PINTO; BAUTISTA, 1990; PINTO et al., 1990; CARVALHO; MARCHINI, 1999; MENDONÇA et al., 2000; SILVA et al., 2001; LEAL et al., 2003; CARDOSO; QUEIROZ, 2007; QUEIROZ, 2009).
- Ceará (TAVARES et al., 1969; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; TAVARES et al., 1974b; DUCKE, 1979; PEREIRA et al., 1989; FERNANDES, 1990; MAIA, 2004; LORENZI, 2009; QUEIROZ, 2009).
- Minas Gerais (MAGALHÃES; FERREIRA, 1981; BRANDÃO; GAVILANES, 1994a; BRANDÃO; NAIME, 1998; GOMIDE, 2004; SANTOS et al., 2007).
- Paraíba (DUCKE, 1953; PEREIRA et al., 2002; LACERDA et al., 2003; AGRA et al., 2004; SILVA et al., 2004; TROVÃO et al., 2004; ANDRADE et al., 2005; PEGADO et al., 2006; ALMEIDA et al., 2007; SANTOS; SANTOS, 2008).



Mapa 25. Locais identificados de ocorrência natural de catingueira (*Poincianella pyramidalis*), no Brasil.

- Pernambuco (DUCKE, 1953; ANDRADE-LIMA, 1970; DRUMOND et al., 1982; LYRA, 1984; MACHADO et al., 1997; FERRAZ et al., 1998; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; RODAL; NASCIMENTO, 2002; ALCOFORADO-FILHO et al., 2003; GIULIETTI, 2004; FERRAZ et al., 2006; FIGUEIRÔA et al., 2008; RODAL et al., 2008; SILVA et al., 2009).
- Piauí (RIZZINI, 1976; FERNANDES, 1982; CASTRO et al., 1982; QUEIROZ, 2009).
- Rio Grande do Norte (ANDRADE-LIMA, 1964; PARENTE; QUEIRÓS, 1970; OLIVEIRA, 1976; FERREIRA, 1988; MIRANDA et al., 2000; CAMACHO, 2001; FRANCELINO et al., 2003; AMORIM et al., 2005).
- Sergipe (ANDRADE-LIMA et al., 1979; SOUZA, 1983; SANTOS, 2001; LEAL et al., 2003; HOLANDA et al., 2005).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: *Poincianella pyramidalis* é uma espécie pioneira.

Importância sociológica: constitui cerca de 60% do estrato arbustivo da Caatinga.

Regeneração natural: numa área de Caatinga, na Paraíba, essa espécie foi encontrada em regeneração natural (PEREIRA et al., 2001).

Biomias (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação Submontana, na Bahia (SILVA et al., 1982), e em Minas Gerais (GOMIDE, 2004; SANTOS et al., 2007).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), na formação Montana, na Paraíba (AGRA et al., 2004).

Bioma Caatinga

- Savana-Estépica ou Caatinga do Sertão Semiárido, em Alagoas, na Bahia

(CARDOSO; QUEIROZ, 2007), no Ceará, no norte de Minas Gerais, na Paraíba, em Pernambuco, no Piauí, no Rio Grande do Norte e em Sergipe, com frequência de até 513 indivíduos por hectare (TAVARES et al., 1969; TAVARES et al., 1974a; DRUMOND et al., 1982; ARAÚJO et al., 1995; ALCOFORADO-FILHO et al., 2003; AMORIM et al., 2005; SANTANA; SOUTO, 2006).

Numa área de Caatinga, em Cabaceiras, PB, Santos e Santos (2008) encontraram 74 indivíduos dessa espécie na borda e 107 indivíduos no interior. No oeste do Rio Grande do Norte, Francelino et al. (2003) assinalam que essa espécie representa 82% da composição florística.

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário (Mata Ciliar), na Paraíba (LACERDA et al., 2005), em Pernambuco (FERRAZ et al., 2006), e em Sergipe (SANTOS, 2001; HOLANDA et al., 2005).
- Brejos de altitude nordestinos ou disjunções da Floresta Ombrófila Aberta (VELOSO et al., 1991), na serra do Teixeira, PB (AGRA et al., 2004), e em Pernambuco (RODAL; NASCIMENTO, 2002).
- Contato Floresta Montana (Brejo de Altitude) / Vegetação Caducifólia Espinhosa (Caatinga), na Paraíba (PEREIRA et al., 2002).
- Inselbergues, na Paraíba (ALMEIDA et al., 2007).

Clima

Precipitação média anual: de 260 mm, em Cabaceiras, PB, a 1.200 mm, no Ceará.

Regime de precipitações: as chuvas são periódicas.

Deficiência hídrica: de forte a muito forte – quase o ano todo – no interior do Nordeste, no norte de Sergipe, no oeste de Alagoas e no norte de Minas Gerais. Muito forte, o ano todo, na Depressão do Rio São Francisco, na faixa interior da Paraíba e no Rio Grande do Norte. *Poincianella pyramidalis* é uma espécie resistente à seca.

A catingueira usa diferentes mecanismos para sobreviver a períodos de déficit hídrico, através do controle estomático e ajustamento osmótico (SILVA et al., 2004).

Temperatura média anual: 24 °C (Matias Cardoso, MG), a 27,6 °C (Serra Negra do Norte, RN).

Temperatura média do mês mais quente: 23 °C (Areia, PB) a 29,2 °C (Serra Negra do Norte, RN).

Temperatura média do mês mais frio: 19,4 °C (Montes Claros, MG) a 26 °C (Açu, RN).

Temperatura mínima absoluta: 6,5 °C. Essa temperatura foi observada em Montes Claros, MG, em 30 de junho de 1979 (BRASIL, 1992).

Geadas: são ausentes.

Classificação Climática de Köppen:

As (tropical, com verão seco), na Paraíba. **Aw** (tropical, subtipo Savana, com inverno seco), na Bahia, no norte de Minas Gerais, na Serra do Teixeira, na Paraíba (AGRA et al., 2004) e no Rio Grande do Norte. **Bsh** (semiárido quente), em Alagoas, no nordeste da Bahia, no Ceará, no norte de Minas Gerais, na Paraíba, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e no noroeste de Sergipe.

Solos

Poincianella pyramidalis ocorre em solos de textura arenosa a Franco-Arenoso, de fertilidade média.

O pH desses solos varia de 5,2 a 6,9 (MACHADO et al., 1997; SOUZA et al., 2003).

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos (vagens) devem ser colhidos, diretamente da árvore, quando iniciarem a abertura. Após a colheita, as sementes devem ser secas à sombra sobre uma lona plástica em temperatura ambiente, durante 3 dias, para reduzir o índice de água delas, completar sua abertura e liberar as sementes (ANTUNES et al., 2010).

Número de sementes por quilograma: 26.000 sementes por quilo (LORENZI, 1998).

Tratamento pré-germinativo: a catingueira apresenta dormência causada pela impermeabilidade do tegumento, a qual deve ser superada pela imersão em ácido sulfúrico

(95%) e/ou em água quente (80 °C) por 1 minuto ou por 2,5 minutos ou a (100 °C), por 10 a 15 minutos (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 1999; ALVES et al., 2007; BENEDITO et al., 2008).

Considerando-se o custo e os riscos ao se fazer uso do ácido sulfúrico, para quebrar ou superar a dormência das sementes dessa espécie, é preferível tratá-las com água a 80 °C, mesmo que seja preciso aumentar a densidade de semeadura (BENEDITO et al., 2008).

Longevidade e armazenamento: as sementes de *Poincianella pyramidalis* têm comportamento fisiológico ortodoxo quanto à tolerância à secagem e ao armazenamento.

Segundo Antunes et al. (2010), essas sementes podem ser armazenadas por períodos inferiores a 1 ano, tanto em temperatura ambiente de laboratório quanto em geladeira, utilizando-se para o acondicionamento embalagens permeáveis (sacos de papel kraft) ou semipermeáveis (sacos de polietileno), desde que o conteúdo de água inicial das sementes seja baixo.

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear duas sementes em saco de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 75 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno, tamanho médio.

Quando necessária, a repicagem pode ser feita de 2 a 4 semanas após o início da germinação. As plântulas apresentam vigoroso sistema radicial.

Germinação: é do tipo epigeal e as plântulas são fanerocotiledonares. A germinação das sementes de catingueira apresenta duas fases de embebição bem definidas:

- Fase 1 – ocorre a protusão da raiz a 54 horas de embebição (DANTAS et al., 2008). Os teores de açúcares de reserva diminuem durante a embebição e os de albumina, de globulina e de glutelina variam nas primeiras horas de embebição.
- Fase 2 – ocorre um aumento dos teores de proteínas fracionadas e isso se deve à hidratação das sementes que permitiu a reativação do metabolismo e a ativação das enzimas inativas.

Associação simbiótica: as raízes da catingueira não nodulam em associação com bactérias do gênero *Rhizobium*. Contudo, essa espécie apresenta colonização com fungos micorrízicos-arbusculares de 9,5% a 40,4% e o

número de esporos por grama de solo de 0,44 a 3,58 (SOUZA et al., 2003).

Características Silviculturais

Poincianella pyramidalis é uma espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

Hábito: é irregular. A catingueira rebrota com intensidade quando cortada, o que nem sempre acontece com outras espécies do Bioma Caatinga (ANDRADE-LIMA, 1989). Essa espécie brota, facilmente, na medida em que se cortam os indivíduos mais grossos da touceira.

Sistemas de plantio: *Poincianella pyramidalis* pode ser plantada a pleno sol, em plantio misto e em vegetação secundária; também pode ser plantada em linhas.

Conservação de Recursos Genéticos

Poincianella pyramidalis sobrevive ao corte raso, independentemente da estação climática, num intervalo de tempo maior que 1 ano (FIGUEIRÔA et al., 2008). Contudo, o período de 3 anos não é suficiente para recuperar a produção dos artigos madeireiros. Por isso, é preciso que se estabeleça um tempo de repouso maior para um novo ciclo de corte, visando manter a produção da espécie para atender à demanda energética da população rural.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados sobre *P. pyramidalis*, em plantios. Contudo, seu crescimento é rápido.

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade aparente): a madeira dessa espécie é muito densa (0,88 g cm⁻³ a 0,99 g cm⁻³) (NISHIZAWA et al., 2005; PAULA; ALVES, 2007).

Massa específica básica (densidade básica): de 0,84 g cm⁻³ a 1,01 g cm⁻³ (ZAKIA et al., 1990; SILVA et al., 2009).

Cor: a madeira da catingueira é esbranquiçada.

Características gerais: a madeira de *P. pyramidalis* apresenta textura média e grã reversa.

Durabilidade: essa madeira apresenta alta resistência ao apodrecimento.

Outras características: a descrição anatômica da madeira dessa espécie pode ser encontrada em Silva et al. (2009).

Produtos e Utilizações

Alimentação animal: alguns dias após o início das chuvas, a folhagem de *P. pyramidalis* libera um cheiro pungente, sendo desprezada pelo rebanho (caprinos e ovinos deslançados). As folhas secas caem no início da estação seca, tornando-se uma forragem nutritiva, nesse período (PFEISTER; MALECHEK, 1986).

Essa característica garante a disponibilidade de forragem de catingueira durante o período seco (HARDESTY et al., 1988). Contudo, os legumes lignificados, deiscentes – e com a base do estilete aguda – eventualmente perfuram o rúmen dos bovinos (PINTO; BAUTISTA, 1990).

Na região de Xingó, na divisa de Alagoas, Bahia e Sergipe, a catingueira é uma espécie muito pastejada por caprinos, sendo citada por 90,6% dos caprinocultores (LEAL et al., 2003).

Apícola: essa espécie tem potencial melífero, com produção de pólen e de néctar (FREITAS; OLIVEIRA FILHO, 2001).

A catingueira, espécie endêmica do Bioma Caatinga, contém grande quantidade de celulose e de lignina, fatores que representam grande potencial na produção de álcool combustível, carvão vegetal e coque metalúrgico (SILVA et al., 2009).

Energia: *Poincianella pyramidalis* constitui-se numa das espécies de maior importância econômica para a região da Caatinga, pois é usada pela população local como fonte primária de energia doméstica, produzindo lenha e carvão de boa qualidade, sendo bastante explorada para esse fim (FRANCELINO et al., 2003; ANDRADE et al., 2005). Além disso, com 5 ou 6 anos de idade, pode ser cortada para aproveitamento da madeira (PAULA, 1983).

Madeira serrada e roliça: a madeira da catingueira é própria para mourões, estacas de cercas e esteios.

Medicinal: espécie com propriedades antidiarreicas. As folhas, flores e cascas também são usadas no tratamento das infecções catarrais, nas diarreias e disenterias. Além disso, as folhas de *P. pyramidalis* são empregadas contra febre, doenças estomacais e como diurético.

Na medicina popular, *P. pyramidalis* tem sido usada em toda sua área de ocorrência, inclusive em Alagoinha, PE (ALBUQUERQUE et al., 2005).

“Na região do Carnutim, no Ceará, o agricultor José Pedro aprendeu, com seus avós, uma “receita dos antigos”, para debelar problemas pulmonares, como tosses e bronquites.

Segundo ele, o preparo é muito simples: “numa panela de esmalte com 1 L de água pura, misturam-se um prato bem cheio de flores de catingueira recém-colhidas e cinco xícaras (das de chá) de açúcar-mascavo ou açúcar cristal, levando-se ao fogo médio para ferver, até a mistura atingir o ponto de calda fina.

Após retirar a panela do fogo, coa-se esse xarope enquanto estiver quente. Em seguida, deixa-se esfriar, para depois ser guardado em potes de vidro previamente fervidos, os quais devem ser mantidos no refrigerador.

Esse xarope só deve ser servido a pessoas cuja pressão arterial seja normal e jamais deverá ser administrado a gestantes ou lactantes, nem a crianças com menos de 5 anos. É que mesmo que as plantas e ervas medicinais tenham propriedades curativas, geralmente elas contêm mais de um princípio ativo. Algum desses princípios ativos pode ser contraindicado para o usuário e causar danos irreparáveis à sua saúde.

A dosagem para consumo por adultos é uma colher (das de sopa) 3 vezes ao dia, em intervalos de 4 horas. Para crianças acima de 5 anos, é uma colher (das de sobremesa) três vezes ao dia, no mesmo intervalo, de 4 em 4 horas”.

Obs.: esse xarope só deve ser servido a pessoas cuja pressão arterial seja normal e jamais deverá ser administrado a gestantes ou lactantes, nem a crianças com menos de 5 anos. É que mesmo que as plantas e ervas medicinais tenham propriedades curativas, geralmente elas contêm mais de um princípio ativo. Algum desses princípios ativos pode ser contraindicado para o usuário e causar danos irreparáveis à sua saúde.

Nota: as informações acima foram relatadas por Francisco C. Martins, revisor técnico-científico desta Coleção, durante o *II Encontro de Saberes dos Povos do Carnutim*, CE, em janeiro de 2011.

Alerta: as informações sobre o uso medicinal dessa espécie são apenas um registro factual da pesquisa, não devendo servir de orientação para prescrever tratamento, curar, aliviar ou prevenir qualquer doença, muito menos substituir cuidados médicos adequados.

Plantios com finalidade ambiental: a catingueira é uma espécie de grande rusticidade, com potencial para recuperação de áreas degradadas. Recomenda-se o plantio de mudas dessa espécie em áreas de criação e de

conservação de abelhas nativas (MAIA-SILVA et al., 2012).

Substâncias tanantes: as cascas do caule de *P. pyramidalis* concentram de 1,38% a 7,71% de extrativos tânicos (MONTEIRO et al., 2005). Segundo os mesmos autores, não foi determinado o teor de tanino nas folhas dessa espécie, porque na época da coleta, não continha folhas.

Principais Pragas e Doenças

Insetos indutores de galhas, também denominados cecidógenos, foram encontrados em áreas antropizadas e preservadas de Caatinga, na região de Xingó (divisa de Alagoas, Bahia e Sergipe), sendo a catingueira a espécie com maior número de galhas, com quatro morfótipos (CARVALHO-FERNANDES et al., 2012).

Espécies Afins

De acordo com Lewis et al. (2005), *Caesalpinia* não é um gênero monofilético. Por isso, os autores sugerem a divisão deste em gêneros menores, como *Libidibla* e *Poincianella*.

Poincianella Britton & Rose é um gênero neotropical segregado de *Caesalpinia*, com cerca de 35 espécies (LEWIS et al., 2005).

Ocorrem duas variedades de *Poincianella pyramidalis*: *pyramidalis* e *diversifolia* Benth. (BARBOSA et al., 2006) Essa espécie é semelhante à *P. bracteosa* Tul. e *P. gardneriana* Benth., sendo frequentemente confundidas com elas (LEWIS, 1987).

Essas espécies se diferenciam, principalmente, pela posição da articulação entre o pedicelo e a flor, e a forma das brácteas. No entanto, podem-se observar várias sobreposições desses caracteres, o que demonstra a necessidade de uma revisão do grupo (LIMA; MANSANO, 2011).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui